

DE UMA PASTA DE VELHOS RECORTES

AS VIRTUDES CÍVICAS DO PADRE JOSÉ DE ANCHIETA*

Pe. José de Castro NERY

*(Discurso pronunciado no Largo
do Palácio em 19 de março de 1934,
em comemoração do quarto
centenário de Anchieta)*

Não venho discorrer sobre Anchieta - Jesuíta, o filho espiritual de uma ordem religiosa que há quatro séculos maravilha o mundo com a formosura de suas realizações, nem vos venho falar do taumaturgo seiscentista cujas virtudes heróicas mereceram da Igreja a glorificação de venerável. Para um auditório de bandeirantes de velha cepa, de lavradores das nossas messes, de operários das nossas fábricas, de professores das nossas escolas, de médicos dos nossos hospitais, de sábios das nossas bibliotecas, de ex-combatentes das nossas campanhas e de ex-exilados por amor de São Paulo - preferirei evocar a memória de Anchieta leigo e

^{*)} N. da R. Nascido em Campinas a 2 de junho de 1901, o padre José de Castro Nery veio a ser uma das maiores figuras do clero brasileiro. Após sua formação em Roma, retornou à sua cidade, onde ilustrou por muitos anos a cátedra de Filosofia do tradicional "Ginásio do Estado". Transferindo-se para o "Ginásio do Estado" da Capital, aí faleceu a 21 de novembro de 1972. Foi com justiça considerado um dos maiores oradores sacros do país, tendo publicado em volumes muitos dos seus sermões. Deixou, ainda, numerosos livros sobre temas filosóficos e teológicos. O responsável por esta publicação teve o privilégio de comparecer ao ato público de 1934, em que foi pronunciado o belo discurso que julgamos oportuno transcrever. ONM

cidadão, bandeirante, lavrador e operário, professor, médico e naturalista, ex-combatente e ex-exilado por São Paulo.

Posto nascesse longe daqui, por entre cinerárias e dragueiras, numa ilha espanhola que Varella comparava a uma “cesta de flores esquecida na rota dos fenícios”, ele é mais paulista que os Pires e Camargos, os Godoys e os Toledos, os Alvarengas e os Buenos, porque encontraram uma cidade edificada, um colégio, uma capela, baluartes e seteiras, casas de taipa alvejando na verdura insistente das lavras, - ao passo que o tenerifenho, ao deixar a piaçaba do Cubatão e embrechar pela garganta do Tutinga, transpostas estas “altíssimas serras” e esses “trabalhosos caminhos” que ele descrevera em duas de suas cartas, veio ajudar a missa fundadora do povoado, entaipar as paredes mestras do colégio entre o Tamanduateí e o Anhangabaú, argamassar a barreira de defesa para a nascente cidadela de São Paulo. Não é um Homem feito que abica à enseada de Tumiaru, nem um velho que chanta a sua estaca de colono junto às ocas de folha de pindoba alevantadas pelos Caiubis; é um menor de dezenove anos, uma quase criança que traz a São Paulo o rebrilho de seu talento acendrado em Coimbra, e a refulgência de sua santidade inaugurada em Laguna; que em São Paulo permanecerá no período mais heróico de sua vida, que aqui estadeará os melhores exemplos de virtudes cívicas e só deixará de ser um cidadão paulista para tornar - se um santo brasileiro.

Era já como paulista, sacudido por estes ares ásperos e sãos, descritos numa de suas cartas, debruçado sobre as águas do Anhembi sepultadoras de mistério, que ele sente esse apetite do desconhecido e essa paixão das estradas abertas, paixão e apetite que plasmaram, na história sul - americana, o tipo inédito do bandeirante, “violador de sertões, plantador de cidades”, cujo “pé como de um deus fecundava o deserto”. Com igual arremesso é que ele se abalança a fundar Pinheiros, no caminho do sul, e Itaquaquetuba numa curva do Tietê, e Guarus, dedicado a Conceição, e além Carapicuíba e Ibirapuera, hoje denominado Santo Amaro. Com o mesmo ímpeto nativo faz abandonar, por longínquas e desabrigadas, as tabas de Maniçoba e Jupiuba, para aviventar com a sua presença e com o seu verbo as povoações de Guirapiranga e Jaribatiba. Dir-se-ia que o estrangeiro não podia tocar o chão paulista sem que ao mesmo tempo enfunasse o peito a alçasse o pé do bandeirante. Já não pacienta sob o teto palhiço da capela, mas, como assinala textualmente a

crônica, “andava com tanta presteza pelas costas do mar, pelas montanhas fragosas, pelas brenhas e matos, que os mesmos brasis, curtidos por aquelas charnecas, acostumados a matejar, o não podiam alcançar”.

Assim é que a estrada do Paranapiacaba, ou do caminho do mar já era consignada pelo Brigadeiro Machado de Oliveira como a chamada vulgarmente então estrada do Padre José; é assim que, já velho e cansado ou, como ele se exprime, “com os pés na sepultura”, ainda tem fôlego de sertanista para ir ao Rio de Janeiro e a Espirito Santo e à Bahia e Pernambuco, e marchar léguas pelo “hinterland “ a dentro; é assim que, já em 1665, padre Leonardo do Vale escreveu que “a maior parte dos índios embarcados na armada para povoar o Rio, eram discípulos de Piratininga”, e portanto discípulos de Anchieta. O fundador de São Paulo começava ser o criador do Brasil. É o rasto de tão grande andarilho que as estradas e bandeiras ondeiam no sertão; é seguido o seu exemplo, quando não a sua trilha, que Antônio Ferraz de Araújo e Manuel Frias descem a barra do rio Pardo e, a pé, em doze dias de caminho, topam o caudal do Aquidauana e vão inquietar os castelhanos em Santa Cruz de La Sierra; é batendo o seu pó que Matias Cardoso atravessa quinhentas léguas de deserto e empreende a redução dos índios da Paraíba, do Piauí, do Ceará e do Rio Grande do Norte; é aspirando o seu fôlego de caminheiro que Manuel Dias da Silva alcança a Colônia do Sacramento, na extrema meridional, arranca dos pampas o padrão dos espanhóis, e com o desprendimento clássico de um paulista, dá de presente ao Brasil todo o Rio Grande do Sul. Como em 1709 a Capitania de São Paulo abrangia Minas, Goiás, Mato Grosso, Paraná, Santa Catarina e o próprio Rio Grande do Sul, o paulista daquelas eras que amarrava a rede num mourão de Cuiabá ou apeava da montaria junto às obras de Porto Alegre, podia erguer o seu braço sobre a terra e dizer com o orgulho de bandeirante: Aqui ainda é chão de São Paulo. Filhos de sertanistas, descendentes de Fernão Dias e de Raposo Tavares, saúdaí hoje o epônimo de vossa raça, porque Anchieta também foi bandeirante!

Quando o bandeirante calçava a sua grande bota de couro cru ou, desabando sobre a testa o seu forte sombreiro de feltro, apelidava os seus homens ao som da buzina de chifre, bem pouca esperança havia de que afazendasse em Piratininga. Ele ia semear nas margens do Guaporé ou vaquear nos caatingais da Bahia. José de Anchieta, no entanto, amou a sua terra com um amor quase físico. Num dos primeiros informes

enviados daqui para a metrópole, derrama-se em frases de velho cunho, louvando a bondade dos campos paulistanos, a amplitude de seus tabuleiros e a fertilidade dos seus pastos bem como o suculento do seu gado, o apurado das raças cavалares e a fartura dos mantimentos na região. A famosa horta dos jesuítas sachada e regada pelas mãos anchietanas, onde, segundo contam as cartas do tempo, as cravinas se entrelaçavam às rosas, os lírios tingiam a sua brancura no sangue recém-nascido das romãs, foi o primeiro Instituto Agrícola do Estado em que se ensaiaram as primeiras experiências de transplantação e aclimatação das árvores frutíferas do reino. Já nos últimos documentos saídos do punho anchietano se alude jubilosamente ao bom resultado obtido na cultura da uva e na seleção do vinho, tão excelente agora que se podia saborear, “antes mesmo de ferver (de) todo”. Quatro séculos depois, os vinhedos de São Roque e Jundiáí viriam confirmar os tentamens de Anchieta. E ele foi um lavrador inteligente que não poupou conselhos e até mesmo críticas à lavoura do tempo, pois chegou a increpá-la, em 1585, de “desleixada e remissa”. Amanhadores da gleba paulista, vós que soubestes erguer o vosso Estado acima dos demais da União, com transforma-lo diligentemente, em anos de suado labor, num celeiro sul-americano, saudai hoje o orago de vossas fazendas e o iniciador da agricultura estadual, porque Anchieta também foi lavrador em São Paulo!

Naquela quadra inicial do surto piratingano o cidadão de mais alta categoria tinha que desdobrar-se fatalmente na personalidade do operário. Era mister ensinar ao índio não somente os rudimentos de gramática, mas alinhar um oitão de casa e bater a taipa de pilão, o tornear um pé de mesa e aplainar uma enxada. E Anchieta, o bom leigo de olhos azuis, galhardamente acamarada-se a esse punhado de oficiais mecânicos que assombravam o gentio ignaro; junto de um irmão Diogo Jácome, diplomado torneiro, e de um irmão Mateus Nogueira elevado a ferreiro, ou de um padre Afonso Brás, mestre de obras e de carpintaria, o moço de Tenerife, segundo crônica de Vasconcelos, aparece como pedreiro e carpinteiro. Demais, como suas magras mãos fossem dotadas de habilidade em desfibrar o cardo, fabrica nas horas vagas essas famosas alpargatas de cragoatá que foram durante muitos anos o único calçado dos colonos e dos padres da Companhia. Enfim, não contente com tudo isso, dá-se por tintureiro e alfaiate, tendo executado, segundo a “História de la fundación do Collegio do Rio de Janeiro”, uma sotaina de cânhamo, tinta de preto,

que ele alinhavava com retalhos de velas marinheiras. Operários de São Paulo, que protegeis de couro os pés dos nossos homens ou talhais o estofado com que se veste a nossa gente, que contempiais com desvanecimento, no arrojado arquitetônico dos arranha-céus a parte que coube aos vossos braços, podeis saudar altivamente hoje o vosso companheiro de trabalho, porque Anchieta também foi operário em São Paulo!

Côncio do valor social da escola o jovem ilhéu não desprezou o mister do professor. Fundou uma cátedra no colégio de Piratininga e enquanto aqui esteve não deixou jamais de lecionar. E lecionou quase tudo: latim e humanidades para os noviços, tupi para os irmãos e colonos, primeiras letras, aritmética, português, música e religião para os indígenas. Com bom pedagogo que palpa os resultados obtidos, ele conta alegremente numa de suas cartas a Portugal, o progresso intelectual de seus alunos e diz mesmo a respeito da doutrina as seguintes palavras: “sabem estas coisas tão bem ou melhor do que muitos portugueses”. No estudo do vernáculo, o bom êxito dos trabalhos foi tão grande que o mestre-escola não pôde preferir a muita graça e proveito com que os índios se expressavam na língua portuguesa. Não quis deixar que a sua voz maviosa, por dúplice motivo canarina, morresse lento e lento pelas aulas. Fixou no papel as suas melhores conquistas pedagógicas. Deu ao mundo a primeira gramática da língua tupi, confirmando antecipadamente a opinião de Max Müller que via no missionário um formidável pioneiro da linguística. Aproveitou a música local, as danças religiosas do cateratê e do cururu para entresachar máximas cristãs que deveriam revolucionar a psicologia do índio brasileiro, como daí a pouco remexeriam fundo na alma e no coração do paraguaio. Introduziu no Brasil o poema didático, compondo o “Livro da vida e feitos heróicos de Mem de Sá”. Inaugurou a comédia de costumes com os autos do “Pelote domingueiro” e da “Pregação universal”. E seríamos quase tentados a dizer que Anchieta foi o primeiro editor brasileiro, porquanto a história da sua vida conta que se erguia de noite, à luz do candieiro, a fim de tirar muitas cópias da sua cartilha de leitura para uso dos discentes paulistanos. Quatro séculos mais tarde esta mesma cidade de Piratininga se haveria de blasonar do número glorioso de suas escolas, dos seus grupos, das suas normais e dos seus ginásios, dos seus Institutos de Educação e haveria de distribuir pelo Brasil inteiro as suas bibliotecas pedagógicas e os seus compêndios escolares. Mestres desta ilustrada

terra paulistana, vós que sabeis aventurar-vos pelos trilhos escuros da Noroeste para alfabetizar o caboclo e o filho do colono, vós que podeis comissionar-vos a Minas e ao Ceará para ensinar ao Brasil como se ensina, saudai hoje orgulhoso o vosso colega e antecessor no magistério, porque Anchieta também foi professor em São Paulo!

Dentre as virtudes cívicas de Anchieta não se pode expungir nem mesmo a de médico. Certo, não se deve ser demasiado exigente para com a medicina de uma época que não ia além de certas poções perfeitamente anódinas e de certas extrações de sangue. O nome de boticário, físico e cirurgião que tanta vez entra na história do colégio de Piratininga, compete em primeiro lugar ao filho de Tenerife. Ex-aluno da universidade de Coimbra, se lhe faltavam estudos mais completos na matéria, sobravam-lhe, por outro lado, uma curiosidade científica recomendável e um espírito humanitário a toda a prova. Do seu valor como estudioso deram provas as observações de toxicologia e de farmacopéia exaradas no ensaio “Epistola quamplurimarum rerum naturalium...”, as primeiras, que eu saiba, se deixaram consignadas no Brasil. Da sua prática no manejo da lanceta dá testemunho repetidas vezes a crônica de Vasconcelos. Aqui é a declaração de que não cuidava somente das almas, “mas pensava também os corpos, sangrando-os e curando-os nas suas enfermidades”; mais adiante é a nota de que muitos inimigos do colégio, mortos no combate de 1562, guarecido dos seus males, mercê do médico jesuíta; enfim, são três epidemias que grassam em São Paulo, uma de pleurizes, outra, para seguir a linguagem do tempo, de “câmaras de sangue”, a terceira, a mais tétrica, a varíola. Em todas elas, sob os toldos de palhas ou nos hospitais ao ar livre, surge Anchieta, com o seu “rosto cheio de riso”, a sua caixa de hervanário e a sua lanceta de sangrador. No andaço da febre amarela, sobre a qual escreve as primeiras observações clínico-patológicas, as audácias da cirurgia foram maiores ainda, acompanhadas de uma lavagem asséptica do campo operatório, que fez novidade em seu tempo. Há trezentos e tantos anos de distância o ousado esculápio de Piratininga precedia os vultos magnânimos de Arnaldo de Carvalho e Emílio Ribas. Não chegara a divisar o asclepion dos nossos hospitais nem o santuário oracular da nossa Faculdade de Medicina. Mas, vós, médicos de São Paulo, que soubestes levar até o estrangeiro o resplendor de vosso nome e a altura de vossa abnegação, saudai no dia de hoje o vosso predecessor histórico, porque Anchieta também foi cirurgião e médico em São Paulo!

As virtudes cívicas do apóstolo dão provas ademais de que ele sabia servir a São Paulo tanto na paz como na guerra. Como fundador da cidade, cabe-lhe o mérito de have-la colocado numa posição tão estratégica que sugeriu a Sampaio a ilusão de uma acrópole grega. A face que dizia para o Tamanduateí era uma rampa de xisto e de grés, dominando de trinta metros o vale sossegado do Anhembi; as outras faces igualmente resvalavam em voçorocas e desbarrancados que dificultavam enormemente a escalada. Ao sul, pela porta de Tabatinguera, o velho cacique Caiubi vigiava o caminho suspeito de Santo André; ao norte as sentinelas de Tibiriçá fiscalizavam o acesso pelo Tietê. Já a cidade está toda cintada de muros; já as atas da Câmara registram a reparação do baluarte junto à casa de João Luís, a construção de guaritas para os olheiros e escutas, o estabelecimento de um posto avançado na tranqueira do Embuçava. Dentro de suas fortificações já deu entrada o “cavalheiresco Brás Cubas”, que subiu de Santos para a defesa; já se encontra aí João Ramalho, o famigerado alcaide-mor de Santo André, a quem a Câmara confia, a 24 de junho, o encargo e título de capitão da vila. E Anchieta do seu observatório do colégio toma nota e escreve para a história que o povoado está “seguro de todo o embate”. A luta começou tremenda, bárbara, primitiva, entre arcabuzadas e golpes de tangapema. Quando ela termina, quando Jaguaranhô, o cão bravo, estertora numa poça de sangue junto à igreja que tentara arrombar a malta de Araray debanda pelos matos e cômoros vizinhos. Anchieta ainda passa pelo campo de batalha a pensar os feridos e a sepultar cadáveres. Depois, dentro da noite, à luz fumosa da candeia, apara a pena de cronista militar e documenta as vicissitudes da campanha. Quatro historiadores são contestes em atribuir-lhe considerável parte no bom êxito. Guardai bem esta data, paulistas: 10 de julho de 1562. Quase quatro séculos mais tarde, no mesmo mês e quase no mesmo dia, 9 de julho de 1932, a cidade de Piratininga aprestava os seus homens mais validos e fortificava seus pontos mais estratégicos para outro cerco mais tremendo ainda.... sobre o qual nada posso dizer. Mas, dizei-o vós, mocidade flamante de Piratininga, que puseste vosso capacete à prova de bala nos socavões da Mantiqueira e nos plainos de Itararé; e saudai hoje o vosso companheiro de armas, também paulista por mercê de Deus, que expôs a vida pela terra hospitaleira, porque Anchieta outrossim foi combatente por São Paulo!

Ele mostrou enfim até onde chegava o seu denodado paulistismo quando se ofereceu em refém por aquela terra que chamava “a sua amada capitania de São Vicente”. Desde do planalto, contorna Santo André da Borda do Campo, assoma ao Paranapiacaba, guia pelas vertentes da serra, e chegando a Santos ajeita-se numa piroga de três remos aos pinchos pelo mar violento. Vem negociar as pazes com os tamoios, garantir o futuro de São Paulo e entregar-se voluntariamente como prisioneiro, sob o todo de araussu, na oca de Cunhanbebe. É em Iperoig, na praia deserta, bem longe do planalto. A tarde tomba, muda e dourada, sobre o oceano. Rondam de sentinela em derredor do preso, homens de rosto mau, tintos de jenipapo, e vultos mais esguios, eriçados de penas de guará. E a saudade de São Paulo lenta, lentamente lhe embaça o olhar azul. Lá longe, ao menos, tinha uma folha de papel onde deitar os seus carmes ingênuos de poeta, sem que fosse necessário insculpi-los na areia mobilíssima da praia. Lá longe, ao menos batiam, junto do seu coração de sacerdote e de irmãos, os fiéis o veneravam e queriam, as crianças da escola tinham-no por pai... e arrasta-se por longos meses o exílio doloroso de Anchieta! Trezentos e tantos anos mais adiante, os filhos de Piratininga também se acharam, semelhantemente, encarcerados na Sala da Capela ou apartados no mundo da Ilha Grande, enquanto outros, não sei se mais felizes ou infelizes, se enclausuravam no “Siqueira Campos”, rumando para o ignoto e para o exílio... Prisioneiros de guerra, heróis da campanha constitucionalista, e vós próceres que sofrestes no estrangeiro a saudade da terra paulista, saudai igualmente hoje o antigo refém do Iperoig, vosso colega de cárcere, porque Anchieta também foi preso e exilado por São Paulo!

Eu fecharia as provas do civismo anchietano se não soubesse que o herói depois de morto continuou a estar presente em São Paulo pela realização de uma sua profecia. Esta vem incerta no relatório do Governador Antônio Pais de Sande, nesse mesmo documento que fala da altivez e constância do paulista, da sua ânsia de liberdade e de comando, da beleza e inteligência dos seus filhos, do espírito prático e resoluto de suas mulheres. Aí se nos depara o tópico seguinte: “É finalmente a vila de São Paulo digníssima de se verificar nela o célebre vaticínio do grande padre José de Anchieta, que há de ser a metrópole do Brasil, e parece que não tem para isso mais adequadas disposições”. Quem acaba de ler este curioso escrito seiscentista não pode ter mão em si que não imagine o

venerável fundador, numa tarde de ouro e de anil, debruçado sobre a sua janela colegial, bem próximo do lugar em que estamos, olhando quietamente para as águas rolantes do Tietê, ou para o vulto cismador do Jaraguá e descortinando o futuro de São Paulo. Via Fernão Dias esmagando a areia sob os tacões devoradores de léguas, enrodilhado no seu pelote de baeta negra, sopeando a sua espada levantina na direção das sabarabuços e itaberabas. Via as casas da cidade, branqueadas a tabatinga, misteriosas de rótulas e adufas, de onde saíam lentamente para o largo uns homens de berneu de cacheira acompanhados por escravos de ferragoulo ou droguete. Via depois os sonoros dragões da Independência que desciam o Ipiranga precedendo o vulto pálido de El-Rei e batendo as ferraduras dos cavalos sobre as lajes de limonito. Via depois os campos que ondulavam a perder de vista na paisagem gentil dos cafezais. Via as cidades do interior paulista fornecendo de quatro em quatro anos os presidentes da República, os seus melhores, mais sérios presidentes. Via em seguida os seus filhos muito amados arrancando dos dedos as alianças de ouro para trocá-las por anéis de ferro, os bispos desfazendo-se das cruzes peitorais e dos tesouros das cúrias, e os estudantes das nossas faculdades ao soar dos clarins e das canções, marchando para a constituição ou para a morte... Via, enfim, com a sua vista aguda de profeta, após os seus anos de desmaio, a política paulista dominando o país pelo seu sentido das realidades e pela atitude de conagração entre os Estados; a lavoura paulista intensificando e regulando as safras para abastecer de tudo o mercado mundial, a indústria paulista incrementando os teares e desdobrando as oficinas para salvar a economia da nação, a literatura paulista, a arte paulista, a ciência paulista, enchendo as bibliotecas brasileiras, enobrecendo os museus brasileiros, glorificando as universidades brasileiras e perpetuando o Brasil pelo universo.

Paulista de hoje e de sempre! A profecia em parte já se realizou; ela há de cumprir-se até o fim. Ou porque a História o quer ou porque o quer Anchieta, de fato ou de direito, São Paulo será política, econômica e intelectualmente, a metrópole, a cabeça do Brasil!